



Numa das passadas semanas, o artigo de San Payo Araújo que descrevia o pensamento do treinador espanhol [Josep Bordas](#) acerca de Collet, despoletou um comentário crítico da parte de João Videira.

Para além das respectivas respostas de San Payo e de um pequeno comentário que na altura produzi, parece-me que há matéria de reflexão a acrescentar.

Dizia João Videira que embora lhe parecessem interessantes os artigos de San Payo, Portugal não estava a seguir, como deveria, o exemplo da Espanha no Minibasket. Se posso sintetizar a crítica dele, em Espanha, mesmo neste nível etário, havia competição a sério. Aqui, não. Andamos a perder tempo em brincadeiras e cantigas. Na altura resolvi comentar dizendo que a crítica de Videira me parecia não fundamentada e imerecida pois dirigia-se a alguém com uma intervenção no terreno de grande qualidade. Como estaríamos nós bem melhor, a nível da formação técnica dos nossos minibasquetistas, se o nível de intervenção dos nossos treinadores correspondesse ao exemplo que lhes era dado pelo actual responsável técnico da federação. E para além dessa qualidade técnica existe uma qualidade humana que é o complemento fundamental da intervenção técnica e que sem a qual, o desporto não vale a pena, na minha opinião.

Aqui, porém, quero ir bem mais além do anteriormente referido. Acho que em primeiro lugar é necessário contextualizar histórica e socialmente o que se passa no basquetebol. Aqui e em qualquer país. Estou de acordo que Espanha é um exemplo para nós. Mas acho que mais do que ser um exemplo pelo seu presente tem também de ser um exemplo, em primeiro lugar, pelo seu passado. É no seu passado que devemos buscar muito das razões do seu sucesso actual e que já existe, lembre-se, há várias décadas. É à volta disso que alinharei as próximas linhas.

Nos anos sessenta, Espanha importou o Biddy-basket, criação norte-americana de Jay Archer em 1951 e que se destinava a ser uma adaptação do basquetebol para as crianças. Ora, Espanha ou mais propriamente alguns dirigentes do basquetebol Espanhol desse tempo (caso

de Anselmo López), aproveitando o apoio estatal do Conselho Superior de Desportos, resolveu lançar uma operação em grande escala: “100 000 praticantes de Minibasket”. E conseguiram atingir essa meta já nesse tempo. É preciso também não esquecer que foram os espanhóis que baptizaram diferentemente – como Minibasket - este novo desporto para crianças, sendo que parece que o seu criador Jay Archer não terá ficado muito satisfeito com a gracinha. Ainda hoje lá nos “states” o jogo é conhecido como Bidy-basketball, como se pode verificar [no site respectivo](#) onde está descrita a história do jogo.

Essa operação dos cem mil jogadores teve um grande sucesso e foi em si própria um factor essencial para o desenvolvimento futuro do basquetebol espanhol. Evidentemente, a grandeza de Espanha em número de cidadãos – e de crianças, claro – faz com que a massa de seleccionáveis seja enorme em comparação com países mais pequenos. Desse ponto de vista qualquer comparação com Portugal ficaria desde logo limitada, devendo assim, da nossa parte, termos consciência disso (por isso San Payo respondia a João Videira que a possibilidade estatística de termos Ricki’s Rubios era bem menor). Depois, também é sabido que muitas das “políticas” federativas e clubísticas do basquetebol espanhol tomadas há décadas, como a importação de bons jogadores (ou técnicos) estrangeiros que serviram (e servem) de referência e ajudaram nos saltos qualitativos do basquetebol, foram apostas ganhas. Estamos agora a ver, nos resultados superiores de todas as selecções espanholas, o resultado de muitos anos (décadas mesmo) de trabalho de muita gente, de políticas sustentadas e de apoios do poder político ao desenvolvimento desportivo. O basquetebol em Espanha é algo que passou a ser uma realidade social com um peso enorme. Vemos como existem campos para a prática do basquete de rua espalhados pelas cidades e campos de Espanha. A paisagem de Espanha é salpicada por muitos campos e tabelas de basquetebol. Como é diferente para pior em Portugal, onde em certas cidades é mais fácil encontrar alfinetes no chão do que cestos no território.

E aqui em Portugal, o que aconteceu ou não aconteceu? O apoio ao desporto pelo poder político sempre foi muito deficitário, com a excepção de períodos de tempo muito curtos. A massa de potenciais praticantes é relativamente limitada e ainda por cima é disputada concorrencialmente com outros desportos. O Futebol, como sabemos, foi transformado num eucalipto desportivo que seca apoios que podiam e deviam ser canalizados para os outros desportos. Os dirigentes desportivos das ditas modalidades amadoras – como o basquetebol também é considerado, - nem sempre tomaram decisões acertadas na promoção do nosso basquetebol . Enveredamos a dado passo pela profissionalização de um sector de basquetebol sem que existisse público e/ou dinheiro para isso. Importaram-se e importam-se vários jogadores de duvidosa qualidade que ocupam o espaço necessário para os jovens jogadores portugueses com reflexos na qualidade das futuras selecções. Os treinadores, depois de uma fase em que mostraram saber estar unidos como factor de desenvolvimento do basquetebol e da sua própria identidade e qualidade, deixaram cair a sua Associação (ANTB), a qual, só agora se levantou, felizmente. Temos treinadores de grande qualidade se individualmente

considerados mas a comunidade de treinadores é algo que é preciso (re)construir.

Sobre o nível de jogo

Comecei este escrito dizendo que era necessário contextualizar sócio-historicamente o desenvolvimento do basquetebol, em Portugal ou em qualquer lado. Cumprindo esse princípio, que acho fundamental, desenvolvo seguidamente algumas ideias.

Acho muito natural que no Minibasket, em Espanha, existam fases de competição de elevado nível, competições ao nível nacional, tipo campeonatos de Espanha para crianças/jovens de 12 anos. Poderão ser o corolário natural – na minha opinião - relativo a essa idade, de um desenvolvimento desportivo nacional, por um lado, e do desenvolvimento do nível de jogo atingido por esses jovens basquetebolistas que já levam com certeza muitos anos de prática do jogo. Espanha é um país que respira basquetebol como cá muitas crianças e jovens respiram futebol. Começam a brincar ao jogo em idades muito novas, vêem regularmente exemplos do bom jogo na televisão e nos campos dos seus clubes. Daí poder ser socialmente e psicologicamente “natural” que o nível de jogo atingido seja muito elevado e que se possa considerar perfeitamente aceitável a existência de fases competitivas nacionais mesmo em idades muito novas. De qualquer forma, condiciono pessoalmente a minha opinião sobre esses “campeonatos” à análise do conteúdo do que acontece dentro dos jogos e nas suas envolvências. E sobre isso confesso o meu desconhecimento para poder fazer um juízo de valor ponderado. É preciso sempre acautelar a criança e o jovem que existe no “jogador” de basquetebol. Estou em completo acordo com San Payo Araújo quando ele diz que as crianças estão sempre primeiro e são o mais importante do jogo. Também o espanhol Josep Bordas diz o mesmo e o mesmo dizia, há há mais de quarenta anos, o professor Mário Lemos, grande mentor do nosso minibásquete (com contributos para o MB internacional). Com as crianças existem dois perigos, o do excesso e o do defeito. Ou se sobrestimam as suas capacidades e se fazem correr riscos desmesurados inclusive na sua saúde, ou, no outro extremo, se subestimam as capacidades das crianças que são também socialmente e historicamente condicionadas, fazendo com que elas fiquem subdesenvolvidas. O melhor lema que conheço relativamente a esta questão pertence ao grande professor e treinador de basquetebol francês, Robert Mérand: “Nem prática inconsistente, nem prática inconsiderada do desporto pelas crianças”. Quando a prática é inconsistente, deixa-se a criança ao sabor de um jogo que não a desenvolve satisfatoriamente. Quando se opta por uma prática inconsiderada, submetem-se as crianças a cargas físicas e psicológicas para as quais não estão preparadas. Saber onde se situa este espaço entre o inconsistente e o inconsiderado não é algo muito fácil de encontrar. Mas quando quem orienta o processo educativo é alguém que está preocupado verdadeiramente com o bem-estar e o desenvolvimento óptimo das crianças existe uma boa garantia de sucesso.

Uma nota mais técnica

Muitos de nós, treinadores, afirmámos que em certos escalões do basquetebol não se devem fazer, ensinar, exigir, certas coisas: por exemplo, não se devem fazer bloqueios, ou não se deve defender à zona. Ora também aqui, nestes pormenores técnicos penso que é preciso fazer a tal contextualização sócio-histórica de que falei anteriormente. Em países como os EUA ou na nossa vizinha Espanha, crianças muito jovens, pelo que vêem e praticam do basquetebol, sabem os “para quê”, “quandos” e “comos” dos bloqueios. Fazê-los é algo de natural. Mesmo na sua prática livre do jogo os utilizam. Ao contrário, jovens bem mais velhos, que começaram tardiamente a jogar ou que pertencem a sociedades ou envolvências sem grande cultura basquetebolística precisam de bem mais tempo para “saberem” o que as crianças de que falámos já se apropriaram. Com as formas de defesa colectiva ou as formas de ataque, podemos ter raciocínios semelhantes. Quem conhece o passado das técnicas saberá o que se dizia do base dos Celtics, Bob Cousy, nos anos cinquenta do século XX. Afirmavam que ele só conseguia fazer aquelas mudanças de drible por detrás das costas por ter braços anormalmente grandes. Hoje, como sabemos, qualquer criança que brinque ao Mini há algum tempo e que pratique com assiduidade o manejo de bola consegue com os seus pequenos braços fazer essas e outras habilidades mais complexas.

P.S. Mais uma vez não quero acabar este texto sem fazer referência ao contributo do professor Francisco Costa a quem pertencem muitas das ideias que aqui deixei e com as quais concordo. As boas são dele. As menos boas foram as que tive o atrevimento de acrescentar.